

Revista Filosófica
São Boaventura
ISSN 1984-1728

São Boaventura, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 1-211
janeiro/junho 2012

Fae - Centro Universitário
Instituto de Filosofia São Boaventura
Curitiba 2012

Copyright © 2008 by autores

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

FAE - Centro Universitário
Instituto de Filosofia São Boaventura

Instituto mantido pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus (AFESBJ)
R. 24 de maio, 135 – 80230-080 – Curitiba PR
<http://www.saoboaventura.edu.br/>
E-mail: revistafilosofica@fae.edu

Reitor: Fr. Nelson José Hillesheim
Diretor geral do Grupo Bom Jesus: Jorge Apostolos Siarcos
Pró-reitor acadêmico: André Luis Gontijo Resende
Pró-reitor administrativo: Regis Ferreira Negrão
Diretor do IFSB: Dr. Jairo Ferrandin

Editores: Dr. Vagner Sassi e Dr. Enio Paulo Giachini

Comissão editorial:

Dr. Roberto H. Pich
Ms. Vicente Keller
Dr. Jaime Spengler
Dr. João Mannes
Dr. Marcelo Perine

Conselho editorial:

Dr. Osmar Ponchirolli
Dr. Mauro Simões
Dr. Antônio Joaquim Pinto
Dr. Écio Elvis Pizzeta
Dr. Leonardo Mees
Ms. Solange Aparecida de Campos Costa
Dr. Renato Kirchner

Revisão: Editoria

Diagramação: Sheila Roque

Capa: Roland Cirilo

Catálogo na fonte

Revista filosófica São Boaventura/ FAE - Centro Universitário
Franciscano do Paraná. Instituto de Filosofia São Boaventura.
v. 1, n. 1, jul/dez 2008- . Curitiba: FAE - Centro
Universitário Franciscano do Paraná, 2008-
v. 23
Semestral
ISSN 1984-1728
1. Filosofia – Periódicos. I. FAE - Centro Universitário. Instituto de
Filosofia São Boaventura.

CDD - 105

Provirtus, reflexões*

Hermógenes Harada

Introdução

Provirtus é o nome de uma das iniciativas, no ano de 2008, do Projeto Virtude da Unifae. Consiste em iniciativa de caráter experimental. Realizada como encontros quinzenais de duas horas. Por serem *ad experimentum*, os encontros têm forma de empreendimento particular, não oficial, mas sob a guarda do Projeto Virtude, válido provisoriamente somente para o ano 08. A sua continuidade depende somente da avaliação dos participantes no fim do ano. Estes são pessoas inseridas na tarefa do ensino e do gerenciamento escolares.

A meta dos encontros é refletir acerca do tema Virtude. Daí, o título *Pro-virtus, reflexões*. E daí também, as *peças participantes* dos encontros são *voluntárias*. Voluntárias no sentido de pessoas, movidas por um interesse próprio, livre e pessoal pela busca de reflexões *a modo filosófico-teorético* acerca da Virtude. Assim, esse "*a modo filosófico-teorético*" constitui o *característico das reflexões dos encontros*, embora não se excluam, antes incluam reflexões cujas colocações venham das teorias e praxes de outras disciplinas e dos afazeres cotidianos. Mas, aqui, não se trata de aulas de informações da filosofia ou pedagogia, psicologia, teologia ou espi-

* Como o tema desse número da revista está voltado à ética e filosofia política, publicamos aqui parte de um relatório sumarizado de um projeto desenvolvido dentro da instituição onde está inserido o curso de filosofia do Instituto de Filosofia S. Boaventura. As reflexões que ora expomos, de autoria do Prof. Fr. Hermógenes Harada, voltavam-se aos participantes do projeto que livremente se encontravam para refletir sobre temas centrais e norteadores da instituição. Isso implicou que algumas informações tenham sido suprimidas dos textos originais. A razão de expor tais reflexões neste volume é que tocam em pontos nodais da questão da ética dentro de qualquer instituição, sobretudo, instituição de ensino, e no trato das pessoas envolvidas no projeto.

ritualidade; de reunião de debates para planejamento de projetos educacionais; de doutrinação e praxe pastoral da mundividência, confessada e seguida pelo Instituto a que pertencem os participantes do encontro. Todas essas outras acima mencionadas possibilidades e mais, são e podem ser realizadas ou oficialmente ou livremente dentro do grande Projeto Virtude. Os encontros *provirtus*, porém, *só se ocupam de reflexões a modo filosófico-teorético a ser esclarecido abaixo.*

Portanto, *provirtus* se caracteriza pela seguinte limitação e propósito: *nós nos concentramos somente em refletir o tema Virtude e isto acentuadamente a modo filosófico-teorético.* Esse limite e propósito da *provirtus* necessita ser explicitado melhor nas pressuposições dos termos ali usados, principalmente a expressão *a modo filosófico-teorético*, para que possamos ter boa clareza do que e como realizarmos os nossos encontros:

Somente nos concentramos em. Essa expressão é restritiva. Restrição, limitação nos soa como algo negativo. Principalmente soa improdutivo, quando se trata de aquisição quantitativo-informativa de dados e conhecimentos. Mas, quando se trata de *aprofundamento do conhecimento, torna-se necessária a concentração.* E aqui concentração perde então a conotação de restrição e delimitação indevida e exclusivista, e recebe o sentido positivo da manutenção da condução de busca no aprofundamento do tema (no nosso caso virtude) de modo coerente, concentrado, evitando misturar e amontoar confusamente dados e conhecimentos de diferentes temas. Por isso, o advérbio *somente* não significa propriamente *exclusivamente, bitoladamente, eliminando outras possibilidades, mas sim, pura e limpidamente, concentradamente, não nos fragmentando e nos espalhando distraidamente.* Trata-se pois, como já foi dito, de uma busca de aprofundamento. Conduzir-se horizontalmente sobre a superfície é um movimento diferente de ir ao fundo, descer para as raízes do que aparece na superfície.

Em refletir: a palavra refletir diz; *re* = de novo, em repetição, para trás, voltando para as próprias pré-suposições; e *flectir* = dobrar-se sobre si, afundar-se para dentro de si mesmo. Na nossa ação de adquirir saber e conhecimento, acumulamos dados, padrões, classificações, experimentos de diversos tipos e origens. Todo esse acervo do saber, se ali na ação de aquisição não houver ordenação desse acervo, e na ordenação um fio condutor que me leve ao fundo a partir de onde surge, cresce e se consuma todo esse amontoado de informações, não chega verdadeiramente ao saber nem ao conhecimento, ignorando suas pré-suposições ali pré-jacentes no sub-solo do seu saber. O movimento intelectual de aprofundamento, de ir para o fundamento,

e do fundamento ao fundo “desconhecido” do que sabemos aparentemente sem mais nem menos é *reflexão*. Nesse sentido, todo e qualquer saber ou conhecimento ou experimento ou experiência possui dentro de si a necessidade do *movimento de reflexão, do aprofundamento*. Esse movimento *sui generis* de reflexão se chama também *pensar*. É esse modo de adentrar-se para dentro do ser de si mesmo, esse modo de aprofundamento que queremos fazer nos nossos encontros ao falarmos de virtude. E é designado pela expressão *a modo filosófico*. Para nós, aprofundar e refletir a modo filosófico dizem o mesmo. Mas antes de abordar esse movimento de aprofundamento que chamaremos adiante de *virtude dianoética*, temos que limpar a área de investigação que chamamos de provirtus é virtude, afastando da nossa investigação pré-conceitos que povoam a nossa mente e nos distorcem a visão.

I Uma fala, secularizada, acerca da virtude?

Quando numa instituição de ensino que tem caráter confessional (no nosso caso, cristão-católico) falamos de virtude, podem ocorrer equívocos e confusões sobre o que podemos talvez denominar como *questão da mantenedora da virtude*. Tentemos nessa primeira reflexão, falar brevemente dessa questão, como que limpando a área, antes de iniciarmos tematicamente o nosso estudo acerca da virtude.

De que se trata nessa questão, cuja formulação talvez inadequada, diz: questão da mantenedora da virtude? Mantenedora é a dona do prédio onde funciona uma determinada instituição. Ela tem a última palavra de decisão, se uma instituição continua funcionando ali ou não. E é responsável em última instância – se, se trata da mantenedora do instituto de ensino e aprendizagem –, do que e como ali é ensinado e apreendido.

Quando falamos de virtude, numa instituição de ensino com caráter confessional, p.ex. cristão católico, um cristão que participa do ensino escolar da instituição católica de ensino pode pensar que o órgão competente e designado para nos ensinar o que é e como deve ser tudo que se refere à virtude é a Igreja católica. Assim, num linguajar vulgar, quem sabe e ensina o que é virtude e como se deve comportar quem quer aproveitar o ensinamento e a práxis da virtude, são padres e freiras e os católicos leigos praticantes e até piedosos que estão afinados com a ortodoxia da doutrina da Igreja católica. Com outras palavras, a instância mantenedora da teoria e praxe da virtude é formada pelos maiores eclesiais da Igreja, seus auxiliares, os mais próximos e fieis. Esse modo de pensar o caráter confessional de uma instituição de ensino pode estar bem afastado da compreensão essencial e mais própria do caráter confessional,

distorcendo-o para uma bitola e superficialidade que raia ao fundamentalismo sectário e clericalista. Tentemos ver em alguns itens em que consiste o caráter confessional de uma instituição de ensino confessional, no seu sentido próprio e essencial.

1. Situação concreta de quem vive realmente uma confissão

Nós cristãos católicos, em tudo que fazemos e pensamos, de algum modo, na sociedade, o fazemos a partir e dentro da nossa pertença e atinência à Igreja Católica. O nosso fazer e pensar possui assim um caráter confessional. E mesmo os nossos trabalhos profissionais, os mais seculares, os realizamos muitas vezes nas instituições de tipo como p. ex. nos colégios católicos. Essas instituições recebem também a qualificação de instituição de caráter confessional. O que quer dizer “caráter confessional”?

2. O que é caráter?

A palavra caráter (lat. *Character, -eris*; greg. *Charaktér, éros*; do verbo *charásson*) significa o que está cunhado profundamente; incisão, i. é, corte, talho, incisura. Daí a significação derivada de escrita (p. ex. talhada na pedra), marca, o traço básico que distingue, figura impressa etc. O decisivo na compreensão do caráter não está tanto na forma que aparece como marca distintiva, mas sim na profundidade e acuidade da incisão feita por um instrumento pontiagudo ou de lâmina cortante. É que caráter indica propriamente a profundidade e a nitidez de talho, ou melhor, a fundura e agudeza de penetração e fixação, a modo da firmeza da estaca, da paliçada implantada, i. é, radicada na terra. Conforme essa indicação, caráter é a clareza e nitidez de algo que surge, cresce e fica de pé, através da penetração profunda da sua raiz. Caráter é pois a pregnância, a prenhez que vem da raiz. Isto significa que o trabalho principal na manutenção e no cultivo do caráter não está tanto no exhibir, mostrar e fazer propaganda da marca “registrada” de uma coisa, de uma entidade, p. ex. de uma instituição, mas sim, no empenho de buscar e manter contínua e intensamente a transparência e limpidez, clareza e nitidez de relacionamento com a raiz e o seu vigor. A raiz do caráter confessional de uma instituição é a sua confissão.

3. O que é confissão

Confissão (lat. *Confessio*) lembra o famoso livro “As Confissões” de Santo Agostinho. Aqui, confissão não se refere a um dos momentos da confissão sacramental,

à acusação dos pecados. O confessar que está na raiz de uma instituição de caráter confessional significa reconhecer, assumir com gratidão e alegria, declarar como sua própria identidade, como o seu próprio, a gratuita pertença e atinência à fonte da Vida, a partir da qual, na qual e para a qual a instituição foi feita. Confissões de Santo Agostinho p. ex. não são outra coisa do que louvores de gratidão pela salvação, i. é, saúde (lat. *Salus*) que vem do Pai de Jesus Cristo. O brio e a estima que vem dessa confissão, a alegria e gratidão, o desejo de partilhar com outros essa felicidade não têm muito a ver com o orgulho, sentimento de superioridade, de poder. Não têm a ver com elitismo, com consciência de classe ou partidarismo, nem mesmo com a preocupação de ter que defender o seu partido, a sua “camisa”, a sua “cor”, sua doutrina e ideologia. Portanto, o caráter confessional, p. ex., de uma instituição cristã, a confissão cristã, não pode jamais ser confundida com o modo defasado de ser “confessional” acima descrito. Lá onde realmente se vive a consciência cristã na sua experiência límpida e originária, esse modo falsificado de ser confessional, foi, é e será sempre criticado e combatido como fundamentalismo, triunfalismo, partidarismo, farisaísmo etc.

Assim, repetindo, o adjetivo “confessional” da expressão “instituição de caráter confessional” não deve jamais ser entendido no sentido usual de pertença e atinência ao partido, às ideologias, à mundividência ou crença, mas sim como uma exigência muito mais rigorosa e comprometedora de uma busca sincera, disposta na humildade e gratidão, na alegria de ser salvo, i. e, de receber a saúde, o sopro de vida; uma busca livremente assumida e responsável pela fonte da Vida, do Espírito de uma instituição. Esse ponto se torna de uma importância decisiva, quando se trata de compreender com precisão o que significa o caráter confessional de uma instituição católica.

4. O que é católico?

Hoje, usamos o termo *católico* para marcar diferença confessional p. ex. do protestante, do ortodoxo etc. O protestantismo e o catolicismo pertencem ambos ao cristianismo. Por isso, propriamente, o adjetivo *católico* se refere às diferenças existentes dentro do cristianismo. A partir daí, começou também a ser usado para distinguir a religião cristã-católica de outras religiões e mundividências não-cristãs, como p. ex., budismo, comunismo, ateísmo, taoísmo etc. Na Idade Média Ocidental, quando ainda não havia o protestantismo, o termo católico designava a diferença existente

na afirmação ou negação de um modo de pertença e atinência à Igreja. Hoje, se não cuidamos, podemos entender esse modo de pertença e atinência à Igreja no sentido de pertença “partidária”, de atinência ideológica, fidelidade e docilidade “fascista” às autoridades de uma instituição chamada Igreja etc. E assim foi também entendida na própria Idade Média. Mas, propriamente, o espírito, i. é, o sopro vital que estava atrás dessa designação “católica” acenava exatamente para o modo de ser contrário a essa compreensão usual moderna do “católico” na acepção referencial ao “catolicismo”. O que quer dizer então o caráter, o enraizamento desse cunho qualificado de “católico”, em que consiste portanto o caráter confessional católico?

Traduzimos o termo católico por universal. Mas, logo que ouvimos “católico-universal” pensamos muitas vezes: o catolicismo é uma crença que deve valer única e exclusivamente para todos, a modo de um único partido, uma única ideologia. Com outras palavras, entendemos o “católico” como excluindo outras possibilidades. Mas reagindo contra esse absolutismo, essa dominação totalitária do catolicismo, “admitimos”, fazemos concessão de afirmar que também outras religiões, outras mundividências valem, são boas, que todas as crenças, todas as religiões, todas as mundividências também são boas, sim até verdadeiras. Com isso, porém, desviamos a intencionalidade de nossa captação do sentido do “católico” na direção da discussão de um e múltiplo, absoluto e relativo, geral e particular, e, com isso, porque estamos acostumados a compreender esses binômios de modo exclusivo, como um termo excluindo o outro, começamos a entender o termo “católico” como designativo de exclusão do outro; e pela exclusão do outro, uma autoafirmação re-acionária, partidária, ideológica. Originariamente “católico” mesmo, ou talvez melhor, exatamente na Idade Média (cf., por exemplo, os Escritos de São Francisco de Assis) significava o contrário dessa acepção usual hodierna de conotação “catolicismo”. Mas em que sentido?

Católico é propriamente contrário de herético. Mas aqui “católico contrário de herético” não deve ser logo entendido como “a Igreja católica, em afirmando a exclusividade de si, excluindo as igrejas, as seitas, as crenças não católicas”. Em vez de assim disparar na compreensão, tentemos entender a frase “católico é propriamente contrário de herético” assim: católico é contrário do herético, no sentido de não ser idêntico com o modo de ser que exclui o outro, afirmando-se ser exclusivamente absoluto. É que *herético* (do verbo grego *hairéomai*) quer dizer segundo o seu significado

literal: aquele que pega, toma para si como seu, aquele que escolhe, prefere, i. é, aquele que cria exclusividade para si, o sectário. Assim, se você cerca uma parcela da imensa natureza que se estende diante de você e a parcela, a separa da imensidão, dizendo “é minha”, não “é do outro”; se você se entoca num poço e diz como o sapo da fábula de Esopo, “nada pode ser maior do que eu e o meu mundo”; se você está numa bitola e diz: “se o outro não caminha nessa bitola, não anda” etc., você é sectário, herético. O católico é o contrário desse estreitamento da heresia.

Católico, antigamente se escrevia *cathólico*. Essa grafia corresponde mais à sua composição, pois ela se forma de *cata* (*katá* ou *kat'*) e *hólico* (*hólon*). Entre outras, a significação de *kat'* aqui é segundo, seguindo, em referência a, indo atrás de. Poderíamos talvez circunscrevê-la dizendo: deixando-se conduzir, na fluência de. E *hólon* (neutro) significa o todo, a totalidade. Por isso a expressão grega *kathólon* quer dizer: totalmente, inteiramente, completamente, de todo em todo. O católico é portanto o que flui, seguindo a dinâmica da totalidade, seguindo a vitalidade do todo. É portanto aquele ou aquilo que é tido pela qualidade total, i. é, pela qualidade do todo. O problema todo é, porém, o que entendemos por todo ou totalidade? Usualmente entendemos por todo ou totalidade os entes e o seu conjunto a modo de extensão quantitativa. É o modo horizontal de entendermos o todo.

Quando assim entendemos o católico, o universal, entendemos que o católico é aquilo que abrange extensionalmente toda humanidade. Mas, e se fora da Terra houver outras humanidades, o que acontece? Devemos conquistá-las para que a totalidade católica se estenda sobre elas. Compreender assim quantitativamente a totalidade não capta com precisão o sentido originário da totalidade ou universalidade católica. Aqui o todo, a totalidade significa antes a imensidão. Imensidão é abertura sem fronteiras, sem limites, a grandeza generosa e magnânima que tudo comporta, tudo acolhe cordialmente. Essa catolicidade nós a sentimos na natureza, na mãe terra, no céu aberto, mas também no coração dos pais, no carinho da criança, na nobreza de um cavalheiro, na compassiva bondade da mulher, na piedade do varão etc. Só que a significação da totalidade, da catolicidade não se limita à imensidão.

Há totalidade, pouco evocada por nós, que recebe o nome de profundidade. A profundidade é uma totalidade que nos conduz para a imensidão abissal e íntima chamada interioridade humana. É aqui que se abre uma inesgotável possibilidade vital de mil e mil mundos de realizações, cheios de aventuras e venturas, como o

destinar historial de cada pessoa, de cada família, de cada povo, nação, épocas de humanidade etc. E juntamente com imensidão e profundidade abre-se por fim outra totalidade radical que costumamos chamar de originariedade, i. é, liberdade criativa que nos acena para o abismo de generosidade, profundidade e vitalidade inesgotável criativa da doação do amor infinito.

Assim, o católico significa: o mais vasto, o mais profundo e o mais originário enquanto dinâmica da vitalidade do amor infinito (cf. 1Cor 13, 1-13). E essa imensidão, profundidade e bondade difusiva do amor infinito na espiritualidade cristã é PESSOA, não no sentido usual de sujeito-eu, mas no sentido todo próprio, único, revelado por Jesus Cristo na sua Boa-Nova ou no Evangelho. É dessa totalidade-pessoa, a realidade, a mais vasta, a mais profunda e a mais originária e livre na ternura e vigor que é o próprio amor difusivo do Deus de Jesus Cristo, é dessa universalidade divina que a totalidade, o “totalitarismo” (!) chamado catolicidade recebe a sua significação. A estaca de uma casa profundamente enraizada nessa cordialidade da imensidão, da profundidade e da originariedade, cuja firmeza nada tem a ver com fixidez, bitolamento, estreiteza, mas sim com o assentamento também grande, humilde e cordial nesse “novo céu e nova terra” da liberdade dos filhos de Deus; essa estaca, esse cunho é que poderíamos chamar de caráter confessional.

Se é assim com o nosso caráter confessional, por que tanto afã e tanta preocupação em querermos carimbar tudo que é nosso e tudo que não é nosso com a marca registrada do “catolicismo”? Não é muito mais comprometedor e responsável tentarmos com gratidão e alegria nos empenharmos de corpo e alma para sermos grandes, profundos e livres como o Pai de Jesus Cristo, cuja catolicidade, cuja universalidade nos diz na Sagrada Escritura: “E eu vos digo: se a medida da justificação vossa não transbordar de modo mais superabundante a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus (Mt 5,20). Portanto, sede vós perfeitos como também o vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5,48)”.

Essa largueza, profundidade, liberdade criativa como participação na vigência do Pai, anunciada por Jesus Cristo no Evangelho (Boa Nova), é nossa confissão, no sentido de declaração dos direitos e deveres cristãos do nosso serviço e trabalho simples, gratuitos e gratos à humanidade renovada pelo mistério da Encarnação. Essa declaração nada tem a ver com fanatismo, fundamentalismo, sectarismo, como foi acima explicado, mas tudo a ver com cuidado, disponibilidade, simplicidade e diligência de

um Deus, cuja definição dada por um dos grandes pensadores e teólogos medievais do início da Ordem franciscana, Alexandre de Hales é: Bondade difusiva de si, cujo modo de ser está descrito por conhecido Místico do século 17 *Angelus Silésius*:¹

*A rosa é sem por quê,
floresce por florescer.
Não se vê a ela mesma,
nem pergunta se a vêem.*

Esse modo de ser divino que é tão humano que somente um Deus o pode ser, de tal modo que se torna paradigma divino do modo de ser humano – o humano mais humano –, onde todas as diferenças, sem perder o seu caráter próprio, em vez de ser excluídas, são incluídas sempre de novo e cada vez, na simplicidade da unidade da Bondade difusiva de si é o caráter confessional das nossas instituições “catholicas”. Ele não se faz superior, não tem nenhuma sombra de empáfia e presunção, cada vez e sempre se faz servidor, e principalmente não se exhibe como sendo especial, mas como o inútil servo, como o fiel trabalhador e operário do Evangelho, que depois de ter feito tudo de boa vontade e livremente, se tem em conta de e se diz nada ter feito de especial a não ser o que devia ter feito e deve fazer. Esse modo de simplicidade e imediatez da Rosa sem porque, como não está afetado de pieguice nem de espiritualismo ensimesmado, para certas mentalidades pietistas pode parecer demasiadamente secularista², sim digamos, sem piedade. Mas talvez, esse modo de ser servo inútil seja o modo hoje excelente de nos exercitarmos na aprendizagem de um modo sempre mais originário do ser cristão, livre de clericalismo mal impostado, de triunfalismo mal esclarecido, e de farisaísmo presunçoso que sempre de novo são contrabandeados para dentro do nosso empenho e desempenho de sermos seguidores de um Deus humanado, chamado Jesus Cristo.

Essa reflexão talvez possa servir como explicação, porque não iniciamos, falando logo das virtudes cristãs, mas permanecemos nesse ano de 2008 no elementar beabá da compreensão da virtude.

¹ Angelus Silesius é pseudônimo de Johannes Scheffler. Nasceu em Breslau, numa família protestante da nobreza silesiana, aos 25 de dezembro de 1624. Estudou em Estrasburgo, Leyden e Pádua, onde se formou em medicina. Foi médico da corte do Duque Silvíus Nimrod de Oels. Dedicou-se ao estudo da mística e da teologia. Foi amigo de Jakob Böhme e Abraham von Frankenburg. Em 1653 tornou-se católico e foi ordenado sacerdote em 1661. Faleceu em Breslau aos 9 de julho de 1677. A poesia “Rosa sem por quê” indica o modo de ser do cristão que não é outra coisa do que o modo de ser do Pai de Jesus Cristo na grandeza, amplitude, profundidade e ternura e vigor da sua gratuidade.

² Embora, hoje, não se fale muito dessa diferença, é necessário diferenciar os termos *secularização* e *secularismo*. Secularismo é uma compreensão defasada e distorcida da secularização.

5. Uma observação desnecessária, mas talvez útil acerca do confessional

Essa maneira de entender o caráter confessional e em que consiste a essência da catolicidade, aliás bem longe e diferente de todo e qualquer “catolicismo” sectário tem por consequência que a fala da virtude e seu cultivo é primária e primeiramente tarefa e dever de todo o ser humano. Tarefa e dever aqui devem ser purificados de toda e qualquer conotação de imposição e ingerência de modo de ser não próprio do ser humano. Assim para a instituição confessional de ensino e aprendizagem, tudo quanto é o próprio humano é *confessional* no sentido acima insinuado, e assim se lhe torna dever e tarefa, sim direito de fomentar seu ensino e sua aprendizagem *virtuosas*. O confessional “kathólico” não exclui nada, antes tudo inclui, não numa generalização indiferente neutro, sem caráter qualitativo, mas deixando ser cada qual no seu próprio o mais próprio dele mesmo, na ab-soluta soltura ou liberdade dele mesmo, sempre e cada vez a seu modo, presente como humilde retraimento em e a cada ente, no seu cordial e gratuito deixar ser, na sua serenidade. Esse modo de ser da catolicidade não deve ser confundido com a pusilanimidade da atuação e afirmação da autoidentidade. Esta, porém, não passa do estado de entropia do afã voluntarista de uma autoafirmação defasada que não consegue ser serena e generosa e gratuitamente participação e comunicação da jovialidade de poder ser na possibilidade insondável e inesgotável do abismo de ser. O trabalho exercido sob o céu aberto de tal totalidade da liberdade de sermos de todo jovialidade de ser dessa bondade difusiva de si é a leitura, i.é, a lição de Vida das instituições de confissão católica. Essa jovialidade de ser possui, portanto, uma leitura da Vida excelente, criativa, viva e certa de tal modo que em cada etapa dos graus de ensino e aprendizagem, segue a exigência crítica do crescimento do saber. Assim, na pastoral escolar, não repete, nem substitui a pastoral paroquial de ensino da religião, mas se engaja no modo próprio de uma instituição do ensino e aprendizagem do saber científico e técnico, de cunho universal, transcendendo o modo de ser da antiga escola paroquial. Tal permanecer na mentalidade do modo de ser da antiga escola paroquial aparece ainda hoje p. ex., quando numa escola confessional no terceiro grau, ao considerar p. ex. certas disciplinas puramente técnicas de cunho “materialista” se tenta corrigir a unilateralidade materialista, acrescentando ao curso técnico uma espécie de curso complementar de uma catequese religiosa e moral sem tentar detectar nas pressuposições fundamentais da própria disciplina técnico-“materialista”, ausência de cientificidade mais própria que não nega, mas busca o caráter humano-espiritual da dimensão físico-material no seu modo próprio

diferenciado, p. ex. do caráter humano-espiritual das disciplinas das ciências humanas e religiosas.

II Em que sentido, aprofundar e refletir a modo filosófico-teorético³, dizem o mesmo?

Essa pergunta implica também na pergunta: Qual é a utilidade da Filosofia na reflexão de um grupo, formado pelas pessoas cujo saber e conhecer possuem proveniência e especialização que são de disciplinas extrafilosóficas como economia, matemática, biologia, literatura, sociologia, psicologia, pedagogia e que possuem necessidade de aprofundamento, mas não necessariamente filosófico. Aqui a resposta para tal pergunta se multiplica em tantas, diversificadas e contrapostas respostas, quantas são o uso e as interpretações que fazemos da filosofia. Geralmente no mundo do ensino e da aprendizagem escolar do terceiro grau, encontramos duas interpretações padronizadas da filosofia, cuja formulação aparece nas teses, a saber (1) *Filosofia é uma ciência* e (2) *Filosofia é uma mundividência*.

1 *Filosofia é uma ciência*

- Uma interpretação diz: Filosofia é a rainha das ciências. E isso principalmente como aquela disciplina, a mais excelente da filosofia, denominada metafísica. É, pois, ciência a mais vasta, a mais profunda, a mais originária, radical. Como tal, fundamenta todas as outras ciências, dá fundamento, certeza, base a todo tipo de ciências, sejam elas naturais ou humanas.
- Uma outra, quase oposta à anterior diz: Filosofia pode ser chamada de ciência, na medida em que ela pertenceu a uma etapa já bastante avançada no processo de evolução e do progresso da racionalidade da humanidade. No início, num estado selvagem, o saber do homem raiava a irracionalidade da superstição e mito; depois ele evolui para religião, cuja racionalidade é muito mais desenvolvida; depois dessa etapa religiosa, na história da evolução e do progresso

³ No início de nossos encontros, não estava nada determinado que iríamos fazer reflexões a modo filosófico-teorético. Isso porque a expectativa era de uma conversa multidisciplinar entre várias pessoas que se dedicavam a uma espécie de pastoral escolar, tanto fundamental, secundária como também universitária. Nesses encontros iniciais, porém, vamos manter o estilo de reflexões. Como a Filosofia é uma daquelas disciplinas que como p. ex. religião, educação, futebol, cozinhar, todo mundo de alguma forma conhece, de tal modo que cada qual dela tem uma representação, por mais que isso seja chato e enrolado, vamos dedicar a reflexão II para falar de um ponto nevrálgico importante para previamente saber do relacionamento das outras disciplinas das ciências positivas e também das teorias e praxes que operam no nosso cotidiano com a coisa ou causa da filosofia.

da razão, chega-se à idade da razão mais desenvolvida, como que a preparar a eclosão e a consumação do saber racional na sua plenitude como ciência positiva, como saber da objetividade científica. Filosofia é ciência, mas ciência ainda presa às irracionalidades das etapas passadas da evolução da racionalidade humana, e isso principalmente na sua disciplina chamada metafísica. Assim, filosofia é saber da época passada, é apenas objeto da historiografia e serve para aumentar o nosso acervo de informações para o fomento do saber e erudição cultural. Esse saber do passado, se deve ser transformado num saber da excelência objetivo-científica, toma a forma da epistemologia ou da teoria da ciência, da meta-ciência e da historiografia.

2 Filosofia é uma mundividência

- Mundividência ou mundivisão (Weltanschauung) é visão do mundo e da vida de uma ou de um grupo de pessoas, baseada na convicção, crença ou opinião subjetivo-pessoal. Os variantes da mundividência são crença, convicção, ideal, ideologia. Para ciência, mundividência não pertence ao saber científico-objetivo, mas sim à opinião subjetiva. Trata-se, pois, de um saber de cunho particular. Não é um saber universal.
- Filosofia considerada como mundividência é expressão e manifestação da crença e convicção de uma ou de um grupo de pessoas. Como tal pode possuir um valor muito grande, a quem ama, busca e vive esse tipo de opinião subjetiva. Como tal não pertence àquela busca da humanidade pelo desvelamento da coisa ela mesma por causa de, i.é, por e para o desvelamento ele mesmo. *Essa busca se chama busca racional, ou busca da verdade por causa de, i.é, por e para a verdade ela mesma.* Há uma outra interpretação (3), talvez a mais adequada da filosofia que diz:

3 Filosofia é ciência essencial

- As ciências positivas modernas, no que diz respeito à sua essência, pertencem à busca racional, cuja paixão é busca do desvelamento da verdade por causa de, i. é, por e para o desvelamento ele mesmo. Esse élan nascivo, essa paixão do animal (ânimo) de fundo, i.é, do homem, é o próprio do humano, o seu ser.
- Filosofia é amor incondicional a essa essência do ser humano: à vigência da paixão à busca absoluta do desvelamento da verdade por causa do próprio

desvelamento ele mesmo. Desvelamento por causa do próprio desvelamento se diz numa expressão da própria filosofia: *e-vidência*. Evidência é o que se mostra a partir de si, por si mesmo. Trata-se de vidência, de ver. Por isso, Aristóteles na primeira sentença do seu livro intitulado *Da metafísica* diz: *O homem por sua natureza tende ao ver*.

- Por isso, podemos dizer que, tanto as ciências positivas modernas, como filosofia, na sua essência, não são duas entidades diferentes, mas se co-pertencem na paixão da busca do desvelamento da verdade por causa do próprio desvelamento.
- Mas como se dá essa copertença? Se dá metaforicamente a modo do surgir, crescer e consumir-se de uma árvore e o aprofundamento e afundamento das suas raízes na terra. Nesse sentido, o poeta e pensador alemão do séc. XVII Johann Peter Hebel⁴ diz assim: *“Nós somos plantas, que – o possamos gostar ou não de confessar – devemos subir, da Terra, com as raízes, para poder florescer no Éter e trazer frutos”*⁵.
- Comentário desse verso de Peter Hebel: Consideremos como copa de uma árvore, seus galhos onde surgem flores e frutos, tudo que aparece na nossa vida, quer fatos, quer nossas experiências, quer vivências, quer entes que são pessoas humanas, quer entes que não são humanos, como p. ex. coisas da natureza (minerais, plantas, animais) como coisas da cultura e da fabricação humana (máquinas, artefatos, produtos culturais, industriais etc.), principalmente os nossos conhecimentos, tanto os mais elementares como os sofisticados, saberes práticos cotidianos, saber científico, portanto ciências naturais e humanas positivas, e entre elas filosofia de várias escolas e tipos etc. etc. Cada um desses galhos, pode ser classificado em ramificações mais gerais, que são os galhos mais grossos, donde partem os galhos mais finos e numerosos; os galhos que ajuntam os galhos mais numerosos e finos por sua vez estão ligados por outros galhos anteriores e mais grossos, até se chegar ao tronco que sustenta todo um conjunto de galhos, subsumidos em escalação de galhos mais grossos, menos grossos e os galhos terminais. O tronco por sua vez é sustentado pelas raízes que se ramificam como fonte da vida do tronco, dos galhos principais, galhos grandes secundários, e os galhos cada qual e em conjunto da copa, onde florescem e dão frutos. E as raízes sugam a vida da árvore toda da terra, donde vem

⁴ (* 1760 - ca. 1826), pastor protestante, poeta-pensador e educador.

⁵ HEBEL, Johan Peter. *Obras*. editadas por Wilhelm Altweg, Zurique e Frigurgo i. Br.: Editora Atlantis, 1940, volume III, p. 314.

todo o alimento de todas as células da árvore, impregnando-as, irrigando-as, vitalizando-as até aos cantos mais recônditos dos elementos constitutivos da árvore. Diferenciamos essa consideração metafórica da árvore, indicando o ser humano no seu saber e no seu agir e no seu ser, dizendo que o suco da terra que sobe da terra através das raízes a todos os membros da árvore, por sua vez, não é algo neutro, indiferente, apenas quantitativo mas bem diversificado qualitativamente. Isto significa que, embora não o possamos ver sensivelmente, o suco da terra, ao impregnar e irrigar todos os elementos da árvore, é uno, é sempre o mesmo, mas nessa mesmidade ele implica, ele contém a riqueza de diversidade e pluralidade diferenciada que forma frutos, flores, galhos terminais, galhos mais grossos secundários, principais, tronco, raízes. A terra é, pois, o abismo insondável e inesgotável da possibilidade da vida ou do ser, a partir do qual e através de cuja vigência e de cujo vigor tudo que é, aparece e desaparece, recebe e haure o seu viver, agir e sentir. Assim, nesse modo de ser do todo, quanto mais se estende horizontalmente, quanto mais sobe verticalmente, tanto mais se deve aprofundar, ir para o fundo da terra.

- Segundo essa representação ilustrativo-metafórica, tentemos considerar no sistema do ensino e da aprendizagem do nosso saber acadêmico-escolar-científico o todo do nosso saber e do conhecimento estabelecido, tanto no ensino, na aprendizagem e na pesquisa como galhos principais, galhos secundários e os galhos terminais de uma copa de árvore. Ali temos, assim, as matérias, subdivisão das matérias, sub-sub-divisões das matérias, cada qual dessas subdivisões numa relação de fundamentação, da especialização de diversas subdivisões, embasadas na matéria mais geral e especial anterior a elas, cada vez mais geral, universal. O todo desse modo de ser que a partir de uma base mais geral, se subdivide cada vez mais em especializações de cada ramo, se chama ciência positiva. Positiva porque põe uma base, uma pré-suposição que por sua vez se baseia numa pré-suposição mais geral etc. Isto significa que a partir da ponta de um galho de um tal sistema de pré-suposições de posições, portanto da ciência positiva, posso perseguir pré-suposições das pré-suposições até o seu fundamento último, colocado em diversos conceitos fundamentais de uma ciência positiva.
- Esse modo de pôr-se, colocar-se, acontece também no cotidiano da nossa vida moderna, pois o que denominamos de vida cotidiana moderna, mesmo que as pessoas não sejam especialistas, nem tenham escolaridade própria no saber das ciências positivas, os saberes e conhecimentos científicos, se tornaram po-

polarizados, de tal modo que todos nós, entendidos ou ignorantes, estamos de alguma forma, movidos e impregnados no modo de saber e conhecer, de agir e sentir, de ser das ciências positivas.

- Para se entender em que sentido a filosofia é ciência essencial, é necessário observar através dessa ilustração metafórica da árvore, três momentos de movimento no todo da vida, do nascer e consumir-se da árvore no seu todo.
 - Há o movimento horizontal no crescimento na expansão dos galhos. Por mais galhos que se acrescenta, nesse nível de crescimento horizontal, não se dá a fundamentação. Amontoado de dados, jamais dá um conjunto chamado ciência. O conjunto, para ser científico, deve ordenar os dados num conjunto sistematicamente unificado a partir de um fundamento único.
 - Há o movimento vertical, ascendente, para o alto, para os galhos; e descendente, para o fundo, para as raízes. O movimento para os galhos é o movimento das ciências positivas, que constroem sobre as pré-suposições colocadas como bases. O movimento para as raízes é o movimento da ciência essencial chamada filosofia que indaga sempre de novo e sempre mais acerca das pressuposições das pressuposições, buscando o sentido do ser que ali está operando. O modo de movimento se caracteriza, porém, por de-construção ou destruição.
 - Mas aqui de-construção, destruição não significa aniquilação do fundamento, das pré-suposições, mas sondagem de aprofundamento cada vez mais precisa, cada vez mais exigente, cada vez mais líquida, pela qual as fixações defasadas, deslocamentos e misturas indevidas, extrapolações das bases sejam evitados, onde cada saber é deixado ser a partir e no seu fundo, a partir e dentro do abismo sem fundo, inesgotável e insondável da plenitude da possibilidade de ser.
 - O crescimento na direção ascendente, para os galhos, busca a excelência da construção. O aprofundamento na direção das raízes busca excelência da de-construção.

4 A filosofia e a busca da excelência científica

Antes de completarmos a resposta à pergunta feita no título do ponto I, vamos falar brevemente da busca da excelência no saber e da tarefa da filosofia nessa busca.

- O substantivo *a excelência* indica a qualidade de uma coisa ser *excelente*. O adjetivo *excelente* é nele mesmo *superlativo*, mesmo que se possa dizer: “*excelente, mais excelente, excelentíssimo*”. ‘*Excelente*’ e ‘*excelso*’ vêm do verbo latino *excello, excelsus, excellere* (fórmula arcaica). *Excellere* se compõe de duas palavras: *ex* e *cellere*. *Ex-* é um sufixo que indica o movimento de ir-para-além; *cellere* significa *erguer-se, levantar-se*: refere-se, pois, à ação, à dinâmica da superação. Conota, portanto, o estar aberto sempre de novo à melhoria. É, pois, a qualidade do movimento de ação, o vigor de buscar, cada vez mais, o melhor de si: é o gosto, a paixão da alegria expansiva de ser. É a jovialidade de ser. Nesse sentido, a excelência indica a vitalidade, a cordialidade de ser.
- Essa compreensão original da excelência pode ser esquecida e substituída por um valor menor, o de busca do primeiro lugar no ranking de competitividade de uma determinada efetividade e produtividade. Assim, o conceito de excelência se estreita e se bitola. O estreitamento, com o tempo, pode-se virar contra a própria efetividade e produtividade, de tal sorte que o empenho humano cujo característico é o vigor da jovialidade de ser, i. é, a excelência, se transforma numa angustiada e angustiante acribia de cálculo e medição de si, sempre se medindo com os outros numa corrida sem rumo buscando alcançar o primeiro lugar.
- A disciplina escolar denominada filosofia, tanto no modo de ser da aprendizagem, como no do ensino e da pesquisa, concentra-se em despertar, conservar, retomar sempre de novo a compreensão da *excelência*, acima explicitada, como a vigência do trabalho de cordialização no ser.
- Cada disciplina científica tem o seu ser, e conforme seu ser deve definir a sua excelência.
- Embora haja muitas definições de filosofia e correspondentemente seus diferentes modos de acionar a aprendizagem, o ensino e a pesquisa, a filosofia na pré-compreensão básica de si mesma não busca a excelência a modo das outras ciências, chamadas *positivas*. Dito com outras palavras, o modo da sua cientificidade, e também a sua excelência é de modo todo próprio, diferente. Essa diferença pode ser caracterizada, dizendo que *as ciências constroem, a filosofia desconstrói*. Explicando:
 - As ciências positivas partem de um fundamento já dado como posto (daí o nome *ciência positiva*) com sua definição, conceitos fundamentais determinados, e seus métodos correspondentes à sua colocação positiva. A

partir dali constrói, para cima, todo um sistema de conhecimentos certos, concatenados entre si numa rigorosa coerência lógica. Esse fundamento, já posto, é por assim dizer, um projeto que a ciência lança sobre a realidade, como hipótese de trabalho. Esse lance é sempre de novo examinado, em diversas e sempre renovadas experimentações. Assim, o lance primeiro é testado na sua validade e eficiência, de tal sorte que na medida em que se dá a averiguação positiva, vai confirmando a validade da sua colocação posta inicialmente, passando-se da hipótese à teoria. Mas na medida em que as experimentações não confirmam a validade da hipótese, volta-se à sua colocação primeira, para ampliar, aprofundar, recolocar ou purificar a hipótese, buscando para a colocação positiva de início uma fundamentação mais vasta, mais profunda e mais purificada de interferências indevidas de outras colocações ou de extrapolações. Esse movimento de retorno das ciências positivas para o lance inicial do seu projeto como ao fundamento da sua positividade, para re-fundação e aprofundamento da sua base, se dá, nas ciências positivas, quando o todo do seu sistema entra em crise. É no aprofundamento da sua colocação primeira que se dá propriamente o progresso de uma ciência.

- Esse movimento de ir à sua base e ali cavar para baixo na direção do fundo de si, nas ciências positivas, é somente feito ocasional e operativamente, e não é propriamente a sua tarefa. Pois esta é a tarefa da filosofia e o seu trabalho.
- No ensino acadêmico, a filosofia aparece também ao lado das outras disciplinas acadêmicas, sendo tratada como uma ciência positiva. Enquanto tal, ela aparece como mundividência, i. é, opinião, convicção ou crença de uma pessoa, ou grupo de pessoas, ou até mesmo da humanidade de toda uma época histórica acerca da vida e do mundo. Enquanto assim aparece no mundo acadêmico ou é tomada como fenômeno cultural, fenômeno histórico, ou mesmo como ciência de uma determinada época, mas *não como ciência no sentido preciso e mais específico da nossa compreensão hodierna do saber por excelência, do saber científico*. Nesse sentido, a filosofia não é considerada como ciência, mas como uma espécie de sabedoria da vida, ou fenômeno sociocultural ou histórico, objeto da historiografia. É nesse sentido da mundividência que temos então, p. ex., filosofia cristã, filosofia marxista, filosofia positivista, filosofia naturalista, filosofia da vida etc.

- Apesar de todas essas aparências viradas para a publicidade e sociedade, a filosofia na sua essência, desde o seu início na Grécia, p. ex. em Platão e Aristóteles até hoje nos mais avançados pensadores da filosofia analítica, conserva no seu fundo a autoconsciência de que ela é uma busca do saber de rigor. Mas de rigor na precisão de escavar sempre mais e sempre de novo na direção do fundo de cada colocação preestabelecida, a começar primeiramente de e em si mesma. E isso como tarefa fundamental e única da sua dinâmica do saber. Nesse fundo de si mesma, a filosofia é acríbia e dinâmica da busca sempre renovada e cada vez mais rigorosa da crítica dos fundamentos e das pressuposições de todas e quaisquer mundividências, crenças, ideologias e dos dogmatismos que podem se aninhar, primeiramente em si mesmo e também nas ciências positivas, mormente em relação ao seu fundamento inicial. É na limpidez e coerência dessa crítica que está a alegria e a cordialidade, a excelência da filosofia.

5 Um equívoco a ser evitado

O sistema do nosso saber científico *positivo*, ilustrado pela metáfora da árvore, tira da experiência pré-científica da vida o *positum*, a postura ou a posição do lançamento da hipótese para suas experimentações. O que foi tirado da experiência pré-científica da vida e posto como o horizonte, âmbito, ou como área, a partir, dentro e sobre a qual cada ciência positiva, a seu modo, levanta o edifício do saber científico, através das experimentações realizadas pela ciência, é purificado dos elementos espúrios que não pertencem ao horizonte do projeto. Assim, a área pré-suposta se torna cada vez mais coerente, pura e homogênea nas explicitações subseqüentes da base posta.

Toda e qualquer metáfora manca, tem sua limitação. Por isso, se nos restringimos a representar as imagens da árvore e da construção de prédio, em vez de termos evidência da coisa ela mesma da ciência positiva, fixamos as nossas esclarecimentos nas imagens feitas e bloqueamos a compreensão. Na suposição da metáfora, o donde provem, origina a árvore no seu todo é a terra. A terra do *positum*, a pré-suposição fundamental de uma ciência positiva, é a experiência pré-científica da e na Vida. Esse embasamento da ciência na experiência pré-científica é como se cercássemos uma área, destacando-a do todo imenso, profundo e abissal na sua criativa possibilidade de ser, denominado Vida, Ser ou Realidade e explicitar cada vez mais detalhada, coerente e vivamente o que ali está dado: o posto, pré-suposto, o *positum* das ciências positivas.

- O movimento da construção, i.é, da explicitação do que está implícito e dado no *positum*, não fundamenta o *positum*, antes ele o pré-supõe, dado pela determinação do destaque da área definida no início do surgimento de uma ciência positiva. Na medida em que o movimento construtivo, a saber, explicador e esclarecedor, vai estruturando todo um mundo coerente de saber unificado, pode acontecer que a área definida e destacada pela experiência da Vida, posta como base de construção da ciência positiva comece a se mostrar como não devida e precisamente demarcada, contendo uma superposição, extrapolação, defasagem de diferentes áreas. Cada vez que essas defasagens são detectadas, corrigidas, e o *positum colocado mais a fundo, para dentro do abismo de possibilidade de ser chamada Realidade, Vida ou Ser*, se dá o progresso nas ciências positivas. Essa limpeza e aprofundamento do *positum* da ciência positiva, feita por ela mesma na medida em que opera na precisão da sua explicitação dos dados do *positum*, podemos chamá-la de *fundamentação da ciência positiva*. Essa é o caráter crítico da cientificidade de uma ciência positiva. E aqui, operativamente está presente à raiz do início de uma ciência positiva, o movimento des-construtivo do aprofundamento, que caracteriza a ciência filosófica.
- É aqui, justamente, que pode acontecer uma equivocação. E isso, justamente se as pessoas desconhecem o movimento de aprofundamento adentrando criticamente, i.é, limpando o *positum* de uma ciência positiva, movimento esse já feito operativamente pela própria ciência positiva ao construir, i.é, ao explicitar cada vez mais com precisão e equidade o que foi dado pelo *positum* pré-suposto à base de sua construção e feito de modo temático, continuamente pela filosofia, enquanto não se interpreta nem se constitui como ciência positiva, mas com ciência essencial da sondagem e aprofundamento para dentro do abismo insondável e inesgotável da possibilidade de ser: a saber, da Vida, do Ser, da Realidade. O grande equívoco que esse desconhecimento provoca é de as ciências positivas pensarem que são elas que estão esclarecendo, construindo a Vida, o Ser, a Realidade que deve ser limpada de obscurantismo, ignorância, irracionalismo primitivo. Isso seria como se as árvores quisessem transformar a Terra em puros galhos, a modo de galhos. É interessante observar que todos nós estamos tomados de alguma forma por essa equivocação. E ela pode se transformar em cegueira provocada pela reverberação da luz branca exacerbada do gás neon, nos sugando a possibilidade de ver, arrastando-nos para dentro do buraco branco infinito, vazio, neutro da ofuscação unidimensional.

- Vítimas dessa equivocação podemos ser todos nós. Nós que viemos do e estamos no ensino e aprendizagem nas áreas de ciências positivas, naturais e humanas; nós que somos influenciados pelas mundividências, de teorias e práticas de todos os tipos, sejam elas científicas, semicientíficas, religiosas etc. E essa equivocação afeta principalmente os filosofemas, produzidos como dogmas e doutrinas ideológicas, religiosas, pastorais e “espiritualidades”, frutos da ausência de aprofundamento próprio e de precisão adequada das pré-suposições a partir e dentro das quais nos pomos a nos empreender a nós mesmos, em afazeres particulares pessoais ou públicos, cotidianos ou extraordinários, banais e simples ou científicos.

6 Retomando a questão inicial e concluindo a reflexão II

Perguntamos no início da nossa reflexão n. I: em que sentido, aprofundar e refletir a modo filosófico-teorético, dizem o mesmo? Dissemos também que: essa pergunta implica a pergunta: Qual é a utilidade da filosofia na reflexão de um grupo formado pelas pessoas cujo saber e conhecer possuem proveniência e especialização que são de disciplinas extrafilosóficas como economia, matemática, biologia, literatura, sociologia, psicologia, pedagogia, e que possuem necessidade de aprofundamento, mas não necessariamente filosófico.

Depois de todas essas explicações da reflexão n. I, sobre a implicância da filosofia de ser “ciência” ou de ser *postura do trabalho de aprofundamento* das pré-suposições de ciências positivas⁶, pode ser que comecemos a vislumbrar em que sentido *aprofundar e refletir a modo filosófico-teorético dizem o mesmo*; e em que sentido a filosofia é útil para a reflexão de um grupo como o nosso. Mas, para isso, é necessário e útil distinguir:

- Filosofia, enquanto aparece ao público como sistema e escola, como conjunto doutrinário teorético e prático, portanto enquanto existe no seu assim chamado aspecto *exotérico* (virado para fora), e filosofia como a dinâmica de sua intenção essencial de fundo, a saber, como movimento *esotérico* (virado para dentro de si), como a crítica fundante de toda e qualquer pré-suposição, onde quer que esta se deposite e se fixe, como paixão da sondagem de aprofundamento para dentro do abismo insondável e inesgotável da possibilidade de ser e do sentido

⁶ Principalmente da própria filosofia ela mesma, enquanto se constitui como disciplina escolar a modo de uma ciência positiva, ou a modo de mundividências, ideologias, de toda sorte de teoria, doutrina, praxe etc.,

do ser. Essa última orientação “esotérica” da filosofia é o que denominamos antes de *direção e movimento desconstrutivo da filosofia ou aprofundar e refletir a modo filosófico-teorético*.

- A palavra *teorético* aqui não se refere ao *teorético* do binômio *teoria-prática*, frequentemente usado nas ciências e nos afazeres cotidianos, mas sim à sua significação própria, provinda da palavra grega *theoria*, que vem por sua vez do verbo *theoráo*, composto de *théa* + *horáo*:
 - *théa* pode significar deusa, segundo uma interpretação; mas numa outra interpretação mais comum significa *aspecto, o esplendor que vem de encontro, o transluzir, o luzidío, a beleza e graça, o maravilhoso, a maravilha*. Todas essas palavras em itálico são acenos para tentar dizer, desengonçadamente, de que se trata, quando usamos o verbo *ser, tornar-se*, entendido como *pura dinâmica de apreensão, de recepção simples, imediata: a pré-sença. Horáo* significa *ver*. Mas *ver* não como visualizar, objetivar, interpelar a partir e dentro de um pro-jecto, focalizar; mas sim: límpida e pura recepção do maravilhar-se; deixar ser o esplendor do que se mostra; espera atenta e acolhedora do inesperado; dar espaço livre ao que aparece. Por isso tudo, os latinos traduziram *theráo (theoréin)* como *contemplor (contemplari): contemplação*.

Concluindo essa reflexão n. II, que acabou virando uma espécie de discurso expositivo do modo de ser da filosofia, é importante observar o seguinte:

- Toda essa complicação da relação entre ciências positivas e filosofia, entre mundividências e filosofia vem pela exigência tanto das ciências positivas como da filosofia de buscar a excelência do saber, quer no ensino e na aprendizagem, quer na pesquisa, como ciência, aqui entendida como busca da verdade, i. é, do desvelamento por causa do próprio desvelamento. A co-pertença mútua da ciência positiva e da filosofia, embora em movimentos opostos, direcionados, daquela como construtiva e desta como de-construtiva, daquela como positiva e desta como “fundante” para dentro do aprofundamento abissal da “docta ignorantia”, exige esse tipo de abordagem complicada.
- É que, hoje, ciência positiva e sua dominação se tornou um momento historicamente necessário da nossa humanização, embora com isso não se afirme que ela seja de necessidade absoluta para a essência do ser humano. Isso significa que esse modo de abordar a busca do saber e seus aspectos de aprofundamento,

a modo filosófico-teorético, pode ser feito bem de outro modo. Mas seja qual for o modo, deve ser provavelmente de aprofundamento.

O que foi tematizado nessa reflexão constituiu, resumido, o assunto debatido no último encontro. Mas como se pode ver nesse relatório do que falamos nos encontros constitui o assunto principal, repetido de diversos modos, fragmentados nas apostilas que foram distribuídas como lembretes antes, durante ou depois dos encontros, como uma espécie de panfletos.

III Como proceder nas reflexões quinzenais dos encontros do Provirtus

Nós, pessoas aficionadas, a saber, afeiçoados à reflexão de aprofundamento formamos um pequeno grupo de encontro dos estudiosos da virtude. Nesse grupo não há nem mestres ou discípulos, nem professores ou alunos, nem sábios ou incultos, expertos ou diletantes, nem os profundos ou os superficiais, nem eruditos ou ignorantes. É que todos nós queremos, custe o que custar, ser, tornar-nos ignorantes no sentido da “douta ignorância” de um Nicolau de Cusa, no sentido de quem é possuído do “Espírito de finura” de um Blaise Pascal, no sentido da Senhora Pobreza de um São Francisco de Assis. Por isso, entre nós não há pose de escolaridade superior, de faculdade, de academia, mas também não de sacralidade, de hierarquia eclesiástica do saber, mas sim apenas “um grande desejo” de chegar à disposição, à simples, livre e gratuita, atenta e grata disposição da espera do inesperado. A possibilidade radicalmente⁷ nova e a novidade radicalmente possível se diz na iluminação budista *nirvana*, na espiritualidade cristã *obediência à vontade de Deus* ou *fazer em tudo a vontade do Pai*; e dentro da espiritualidade cristã, um São Francisco de Assis busca essa simplicidade da possibilidade radicalmente nova sob a denominação de Pobreza franciscana (a Senhora Pobreza), um Mestre Eckhart sob o nome *Abgeschiedenheit* ou Desprendimento, um Nicolau de Cusa sob *Docta ignorantia*, um Pascal sob *Espírito de finura* e nós, hoje, sob o peso da dominação do poder que impregna o nosso saber científico-tecnológico sob a denominação ainda esquecida de si de *Vida* e que nos primórdios do Ocidente, os gregos denominavam de *Physis*, Natureza ou Ser. Todas as tentativas de realizações da humanidade, em infindas variações, na medida em que se aprofundam e se afundam para dentro do fundo de si, tendem ao seu toque de origem, onde se encontram consigo mesmas como espera do inesperado. E ali se

⁷ Referente a raízes; não ao radicalismo.

dá a proximidade, a cercania do desvelamento do abismo insondável e inesgotável da possibilidade de ser, a Terra dos homens, à qual se refere o já citado poeta Peter Hebel, quando diz do ser do homem: *“Nós somos plantas, que – o possamos gostar ou não de confessar – devemos subir, da Terra, com as raízes, para poder florescer no Éter e trazer frutos”*.

Por isso, cada qual de nós, em nossos encontros, tenta dizer o que pensa, o que acha, reage ao que é dito, aos outros, e também a si mesmo, sem censura de si e dos outros, no sentido de achar que de antemão há a determinação padronizada da medida da verdade entendida como certeza⁸. Isso pode parecer que estamos fomentando uma reunião de compadres e comadres numa animada troca de opiniões e pontos de vista, para não dizer fofocas e maledicências acadêmicas. Na intenção de todos nós, porém, trata-se de um estudo exigente e penoso na crítica e sondagem de pressuposições postas do nosso saber. E isso para termos os olhos bem atentos, abertos, limpos para o que nos vem ao encontro como Vida, Ser.

A seguir, não vamos descrever como podemos ou devemos proceder nas nossas reflexões. Pois o que fizemos até o presente foi cada quinze dias nos encontrar, cada qual trazendo suas pressuposições situacionais, e a partir dali conversar e discutir; e assim fomos tentando encontrar um proceder cada vez mais viável para que as nossas reflexões começassem a ter um fio condutor. Mas para que externamente existisse nas reflexões uma espécie de limite contido das diversas direções nas quais soam disparar as nossas discussões, foram distribuídos panfletos de esboços fragmentados e bem incoativos para o nosso uso livre, tanto para os nossos encontros como para cada qual ter, depois e/ou antes, das reuniões, algo a mão para as nossas reflexões. A justificativa para que desde o início operássemos nesse modo um tanto impositivo e apriorístico de dirigir ou orientar as discussões foi a seguinte: nós, as pessoas que quinzenalmente nos encontrávamos, éramos todas pessoas de boa formação acadêmica, cada qual graduada ou/e com grande experiência na área do seu ramo e do encargo dentro do grande conjunto. Essas pessoas possuíam muito conhecimento e experiência e talvez vinham para os encontros com a costumeira vontade de adquirir das disciplinas que não eram da sua especialidade informações para ampliar e completar o todo do seu conhecimento para uma excelência de sua efetividade no engajamento à causa da Instituição. Só que no que se refere ao modo

⁸ Há, alias, um dogmatismo de certeza muito grande na atitude do relativismo e do ceticismo, que afirma sem pensar a sua própria pressuposição: tudo é relativo, tudo é incerto. Embora pareçam opostos, entre o dogmatismo do absolutista e o dogmatismo do relativista reina a mesma postura de fixidez e imobilidade estática.

de ser da filosofia, sem em nada diminuir a competência, experiência e grande saber nas suas especializações, e isso principalmente para nós que participávamos dos encontros, vindos da filosofia, parecia haver pouca familiaridade com um dos aspectos mais essenciais da filosofia, acima descrito como a dinâmica de aprofundamento das pré-suposições de toda e qualquer posição preestabelecida.

Os panfletos não foram feitos com se fossem de uso obrigatório. Seriam apenas subsídios, quando da parte dos participantes não havia uma proposta de assunto. Se alguém dos participantes dos encontros quisesse e achasse de utilidade para si e para outros, poderia ir acrescentando a esses panfletos suas reflexões e contribuições, objeções e perguntas feitas durante as nossas reflexões, ou a fazer depois de ter recordado os nossos encontros. Assim, embora os encontros já tenham-se passado, cada qual de nós pode continuar e ir aumentando o volume de reflexões acerca da virtude.

IV Conclusão que é uma introdução

Toda conclusão poderia e deveria ser uma introdução para uma nova busca. O título acima *Conclusão que é uma introdução*, além da insinuação há pouco sugerida, indica um problema que surgiu do andamento percorrido nas nossas reflexões quinzenais.

O que foi exposto até aqui, em vários itens reflexivos, tem um formato de *introdução* para os nossos encontros. No entanto, o seu conteúdo é o *fruto* ainda bastante imaturo do que a trancos e a barrancos viemos refletindo e debatendo, nos encontros quinzenais. Com outras palavras, o tema *Virtude*, objeto da nossa busca, acabou produzindo reflexão acerca de *como* entender e até certo ponto realizar com maior precisão o que usualmente denominamos de diálogo interdisciplinar entre filosofia e ciências positivas, sejam elas naturais ou humanas. Com outras palavras, como *começar* a entender e se exercitar na excelência da aprendizagem da *virtude dianoética* no convívio de várias disciplinas que constituem o conjunto das ciências que formam o todo. Talvez, o termo *conclusão* não seja nada adequado para dizer o que percebemos aqui como fruto de nossas reflexões. Pois o que acima foi chamado de *conclusão* é mais uma espécie de descoberta, algo como suspeita, de um modo de ser, de uma atmosfera, de um médium, ou melhor, espaço livre ou respiração de fundo que impregna e sustenta todo o modo de ser do que denominamos ensino e aprendizagem. Só que essa descoberta que já estava e ainda está ali em toda a parte, desde o início,

na instituição de ensino, de modo caseiro e em casa, ao assumir proporções de uma instituição publicamente de maior porte, em vez de ser considerada como algo inicial, algo apenas “caseiro, subjetivo e pessoal”, poderia quem sabe, vir à fala na pesquisa do pensamento, principalmente nas disciplinas científicas, como aquilo que une e, por unir, o que provoca e convoca à excelência de mútuo incentivo à investigação cordial, precisa e renovadora das pressuposições fundamentais da disciplina de cada setor do ensino e aprendizagem, sem se endurecer e se bitolar em normas morais, jurídicas, doutrinárias de uma instituição humana que confunde⁹ suas pré-suposições com a dinâmica da origem do seu fundo, da sua possibilidade de ser.

⁹ Certamente tal afirmação é de uma presunção insuportavelmente idiota diante da competência do saber que há nas ciências. Mas, mesmo sendo idiota, insuportável e presunçoso, deixemos isso estar ali como algo fraco e idiota, sim, mas com um grande desejo de examinar e ver as pressuposições ali contidas.